

Daniel Schor

Heranças invisíveis do abandono afetivo

*Um estudo psicanalítico sobre as dimensões da
experiência traumática*



Blucher

HERANÇAS INVISÍVEIS
DO ABANDONO
AFETIVO

*Um estudo psicanalítico sobre
as dimensões da experiência traumática*

Daniel Schor

Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática

© 2017 Daniel Schor

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockPhoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Schor, Daniel

Heranças invisíveis do abandono
afetivo : um estudo psicanalítico sobre
as dimensões da experiência traumática/
Daniel Schor. – São Paulo : Blucher, 2017.
216 p. (Série Psicanálise Contemporânea /
Flávio Ferraz, coord.)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1170-9

1. Psicologia 2. Distúrbios afetivos
3. Trauma psíquico 4. Desamparo
(Psicologia) I. Título.

17-0065

CDD 150

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	15
1. Bernardo e a esperança de “se juntar”	39
2. O efeito “des-historicizante” do trauma: o sujeito fora do tempo	53
3. João, o herói abandonado	87
4. O efeito autoalienante do trauma: o sujeito fora de si	95
5. Ian, o sujinho sedutor	121
6. O efeito autointoxicante do trauma: o “Eu ruim”	133
7. Perspectivas para o trabalho com pacientes traumatizados: as condições do processo de simbolização	155
Epílogo	199
Referências	209

1. Bernardo² e a esperança de “se juntar”

Minha entrada na vida de Bernardo se deu a partir de um contato telefônico de seu pai, em que fui objeto de uma convocação ansiosa: “Boa tarde, Daniel. Meu nome é Felipe e estou entrando em contato com você a respeito do meu filho, de treze anos. Gostaria que agendássemos uma conversa o quanto antes, pois a situação é um tanto urgente”.

Alguns dias depois, no horário marcado, Felipe me contou que seu filho Bernardo havia sido expulso da escola. Segundo ele, a direção acusava o adolescente de ter divulgado pela internet materiais que difamavam a imagem do colégio, sem ter em conta as graves consequências que poderiam advir dessa atitude para os que nela foram envolvidos. Desde então, dizia o pai, o garoto vivia isolado dos familiares, fumava maconha todos os dias, apresentava

2 Os nomes de todos os indivíduos mencionados nas vinhetas clínicas deste trabalho foram modificados a fim de resguardar suas identidades.

episódios recorrentes de agressividade e rejeitava todas as suas tentativas de matriculá-lo em uma nova escola.

Segundo Felipe, a expulsão ocorrera concomitantemente à saída, de sua casa, de uma funcionária que cuidara de Bernardo por boa parte de sua infância, uma espécie de babá com a qual o garoto possuía um vínculo muito importante. Felipe e Ana, mãe de Bernardo, eram separados desde que o filho tinha quatro anos, a partir de um litígio judicial no qual a guarda do menino havia sido, pelo que pude inferir, violentamente disputada.

Após sua derrota no processo, Ana mudara-se para a Europa. Na ocasião de minha primeira conversa com Felipe, os contatos de Bernardo com a mãe aconteciam por internet e, desde que ela soubera da situação do filho, eram marcados por promessas de retorno ao Brasil. Em conversas posteriores que pude ter com Ana, verifiquei que, em seu discurso, esse retorno adquiria o tom dramático de um gesto de socorro ao filho, que teria sido submetido, junto com ela, ao trauma da separação “forçada” de ambos.

Felipe me relatou que Bernardo já havia sido acompanhado por uma analista, por cerca de oito anos, desde a época da separação dos pais, e a ela atribuía o fato de o filho não ter se tornado um psicótico. O processo havia sido interrompido, dizia ele, pelo fato de a terapeuta não se considerar idônea para o atendimento de adolescentes, tanto quanto para o trabalho com crianças, razão pela qual teria optado pelo encaminhamento de Bernardo para outro psicanalista quando ele completou doze anos.

Ainda segundo Felipe, a gravidez de Ana ocorrera de forma não planejada, quando ambos ainda eram bem jovens. Naquele momento, os dois haviam concordado em realizar um aborto. Ana, no entanto, em determinado ponto da gestação, teria mudado de ideia,

dizendo já amar o filho que carregava dentro de si, e acusando Felipe de frieza e crueldade pelo fato de insistir com a proposta.

A imagem que Felipe trazia ao falar sobre Ana era a de uma mulher com personalidade oscilante. Numa de nossas conversas, relatou situações em que, com meses de idade, Ana teria tirado Bernardo do berço no meio da noite, agarrando-o e pedindo ao bebê para que nunca a abandonasse. Noutras, teria testemunhado a ex-mulher dizendo para o filho, enquanto o amamentava, que seu nascimento não havia sido uma escolha, e que ele tinha vindo ao mundo por acidente.

Qual não foi minha surpresa quando, em meu primeiro encontro com Bernardo, deparei-me com um adolescente com um discurso bastante lúcido, claro e organizado. Nesse primeiro contato, queixava-se de se sentir sufocado pelo pai, que media todos os seus passos, preocupado com suas companhias, com o fato de vê-lo tão sem “rédeas” e com a possibilidade de que o uso constante da maconha o levasse à dependência de drogas mais nocivas.

Em meio a isso, Bernardo parecia considerar a pertinência das preocupações do pai. Era natural que essas coisas lhe passassem pela cabeça. Logo de início, porém, ficou claro, para nós dois, que sua queixa veiculava uma questão fundamental sobre a natureza de tais preocupações: estaria o pai, de fato, preocupado com ele, isto é, com seu bem-estar e sua integridade física e emocional, ou seriam estas apenas formas indiretas de lhe pedir que desse um “descanso”, parando um minuto de gerar tantos problemas e dar tanto trabalho?

Em nossas primeiras conversas, eu tinha de me policiar constantemente para não perder de vista o fato de estar falando com um garoto de treze anos. A fluidez e a facilidade do diálogo, bem como o tom sempre razoável das considerações de Bernardo,

traziam o risco de que eu mergulhasse na ilusão de uma troca horizontal entre nós. Não bastasse isso, o garoto afirmava ter lido, além de diversos clássicos da literatura universal, *O anticristo*, de Nietzsche, *A tempestade*, de Shakespeare, e o caso do “homem dos lobos”, de Freud, ao final do qual, felizmente, declarava ter vomitado. Nesse caso, ao menos, seu psiquismo teria conseguido estabelecer um limite diante do que se mostrava, ainda, imaturo demais para “digerir”.

Diante disso, seria fácil pensar que o adolescente que agora se punha em minha frente não era o mesmo “garoto problema” de quem, semanas atrás, seu pai me havia falado. Isso se, em pouco tempo, nossos encontros não tivessem começado a revelar a desordem que escondia por trás de sua grande astúcia e aparente organização.

Na primeira fase do trabalho, o tema reinante em nossas conversas era a insatisfação perene de Bernardo a respeito de quase tudo. Tinha amigos em sua mesma faixa de idade e gostava deles, mas, de tempos em tempos, ficava empapuçado com modos de interação sempre tão infantis: “*Tem horas que cansa ficar brincando de lutinha, fumando beck e jogando video game, sabe?*” Em outros momentos, falava sobre o contato com amigos bem mais velhos, que conhecera por intermédio da mãe, a qual vivera por muito tempo na cena “underground” da noite paulistana: “*Acho massa sair com os amigos da minha mãe. Eles são muito legais. Mas, às vezes, fico com a impressão de que eles esquecem que eu só tenho treze anos... Sei lá, acho meio foda. Ninguém lembra. Toda vez que, de repente, alguém toca nesse assunto, a galera toma um susto: ‘Putz!, Pode crer! Cê só tem treze anos!’*”.

Enquanto a mãe permanecia na Europa, Bernardo vivia entre as casas do pai e da avó paterna, alternando sentimentos de saudade e aversão em relação a cada uma delas. Sua avó morava

num condomínio arborizado, distante do centro, onde o garoto vivia, em certos momentos, a experiência de um retiro apaziguador e, noutros, uma sensação de verdadeiro aprisionamento: *“Não aguento mais ficar na minha avó. Tô desesperado pra voltar pro ‘apê’ do meu pai e poder ir para a praça fumar e andar de skate com o pessoal. É isso que eu curto. Não sou um cara pra ficar fechado em condomínio”*. Em outras situações, aparentemente sem perceber, referia exatamente o mesmo sentimento quando por mais de duas semanas no apartamento do pai, que passava, então, a adquirir para ele as características de um ambiente frio e mortificante, cujo vazio parecia invadi-lo.

Quando estava com a avó, era comum Bernardo queixar-se do excesso de censuras da parte dela, que, segundo ele, exagerava nas reprimendas ao seu comportamento. Já em relação ao pai, suas queixas destacavam quase sempre sua insensibilidade a respeito das necessidades básicas de um adolescente ou criança: *“Juro, Daniel, não tem como morar com meu pai! Ele não compra comida! Ele nunca lembra de deixar o dinheiro para eu vir para cá! E também, sei lá... Sinto falta de um prato de feijão com arroz de vez em quando, ao invés de torrada com pasta de gergelim...”*

Frequentemente, tais sentimentos eram atuados durante as sessões, com o garoto me perguntando, constrangido, se eu lhe poderia emprestar o dinheiro da passagem, sem o qual não teria como voltar para casa; ou quando, após iniciada a conversa, declarava não ter almoçado e dizia estar com tanta fome que sequer conseguia atentar para as minhas considerações, em razão do que terminávamos por “interromper” a sessão ir até uma lanchonete próxima para sanar o problema.

Desse modo, eu passava, na situação analítica, a desempenhar para Bernardo funções de cuidado essenciais: dava-lhe de comer,

e oferecia os trocados de que tinha necessidade para passar o dia. A cada encontro, ele demonstrava de modo mais evidente que, apesar da inteligência e da eloquência incomuns a um garoto de sua idade, faltava-lhe, de fato, o “feijão com arroz” essencial ao seu desenvolvimento, isto é, a segurança proveniente da experiência em um ambiente estável e atento às necessidades fundamentais de uma criança.

Em contrapartida, era comum o garoto manifestar, nas sessões, sinais da mesma sensação de sufocamento que experimentava na casa do pai ou da avó: não raro, mostrava-se inquieto na poltrona, olhava repetidamente o relógio e, em seguida, pedia para interromper a sessão minutos depois do seu início, desculpando-se e afirmando ter algum compromisso para o qual poderia se atrasar. Aparentemente, Bernardo não conseguia se sentir em casa em lugar algum.

Aos poucos, ia se revelando diante de mim um adolescente bastante perdido e assolado pelo pavor de uma total desconexão com o sentido de suas experiências. Por diversas vezes, conversamos sobre o medo que sentia de ver esgotadas suas fontes de satisfação: *“Eu fico ‘noiado’ de que as coisas comecem a perder a graça. Gosto de ir fumar com os moleques, passar a tarde na casa deles, mas chega uma hora que dá um bode... É sempre a mesma coisa! Se eu tô com treze e já tô sentindo isso, como vai ser daqui para a frente??”* – perguntava, bastante angustiado.

Aos meus olhos, tal pavor ilustrava muito bem o momento em que passam a se esgotar as condições do bebê de alucinar o seio para suprir suas necessidades emocionais e, se este não chega, torna-se inevitável uma deformação na estrutura do Eu que o permita adaptar-se à sua imensurável ausência. Até quando Bernardo seria capaz de ludibriar sua carência de um “colo” seguro, genuinamente

preocupado com seu bem-estar, através de uma irresponsabilidade sintomática e totalmente distante do brincar saudável da criança que passeia tranquila pelo espaço transicional, ele que, recém-nascido, estivera no colo de dois adolescentes absolutamente incapazes de atendê-lo em suas necessidades primordiais?

A partir de determinado momento do trabalho, Bernardo começou a faltar com frequência às sessões. Até então, eu entendia esse movimento como uma atuação de sua conhecida alternância entre sentimentos de saudade e sufocamento, razão pela qual buscava deixá-lo sempre à vontade a respeito de sua vinda às sessões. Isso se deu até que, certo dia, logo após uma breve passagem de sua mãe pelo Brasil, o garoto chega de *skate* ao consultório, em estado visivelmente eufórico, e me diz: *“Sabe, Daniel, eu tava pensando em por que eu fico faltando aqui... É bom vir, faz super bem, mas... Eu não sei... Na real, sabe quando eu tenho vontade de vir?? Quando eu tô na porta!”*

Essa última afirmação me causou profundo impacto. Próximo dessa época, Felipe me havia dito que o filho chegara ao ponto de ir até a estação de metrô a cinco minutos do meu consultório, dar meia volta e retornar para casa. *“Só tenho vontade de vir quando já estou na porta...”* Ora, tudo levava a crer que, para Bernardo, o sentido e a verdade do objeto se perdiam no meio do caminho, pela profunda incerteza sobre a realidade do vínculo que com ele se estabelecia.

Ana, de tempos em tempos, enchia a cabeça do filho com ideias de que retornaria ao Brasil, ou de que o levaria para morar com ela, em promessas que, por um motivo ou por outro, jamais se concretizavam. Desse modo, o garoto permanecia apoiado em afirmativas que com o tempo se esfacelavam, vivendo uma realidade enlouquecedora em que toda esperança de que o “alimento”

chegaria dependia exclusivamente do seu próprio esforço mental, a despeito das inúmeras “mancadas” do objeto. Em outros termos, Bernardo permanecia refém de um seio que não parava de seduzi-lo, mas que nunca o alimentava.

Tomei sua frase, bem como a imagem de seu retorno para casa a cinco minutos do meu consultório, como um signo de seu esgotamento, e, num de nossos encontros, disse a ele: “Venho percebendo que pra você está muito difícil vir para cá. Está quase tão difícil quanto ir à escola e fazer as outras coisas que você quer e precisa fazer, mas não consegue. O que você acharia se, em vez de você vir para cá, marcássemos um encontro em outro lugar, um lugar em que você costuma ir? “Sério? *Eu acho uma ótima! Poderia ser o prédio do meu pai?*” “Sim, poderia”.

Minha proposta era ir até o ambiente de Bernardo, em vez de pedir que viesse até o meu, evitando ser mais um dos objetos cuja realidade e permanência dependeriam exclusivamente de sua própria fé.

Deslocamos, assim, nosso *setting*, de um enquadre tradicional, para o de um acompanhamento terapêutico e, como jamais tinha acontecido no consultório, Bernardo me aguardava com pontualidade britânica em nosso primeiro encontro no saguão de seu prédio.

Desde que isto ficou definido, os encontros aconteciam, em geral, na sala de estar de seu apartamento, num horário em que éramos os únicos presentes. Lá, pude ter contato com a variedade dos elementos que compunham seu universo. Na época, o menino estava profundamente envolvido com a música eletrônica, e mostrava-me as impressionantes montagens que era capaz de produzir em sua mesa de som e no computador. Noutros momentos, expunha-me vídeos das festas organizadas por grupos dos quais participava, as quais me chocavam pelas performances lá realizadas e

pela variedade dos tipos humanos que ali se apresentavam. Desse modo, Bernardo ia, aos poucos, me envolvendo na atmosfera turbulenta, confusa e barulhenta na qual vivera desde que nasceu.

Pude notar que, à medida de minha aproximação com seu universo, o garoto se tornava capaz de me confessar coisas cada vez mais íntimas, que, talvez, temesse admitir mesmo para si próprio sem uma companhia que o mantivesse minimamente seguro para a abordagem desses assuntos. No sofá de seu apartamento, Bernardo contou-me experiências de alucinação que vivera como profundamente assustadoras, ocorridas com ou sem o uso de drogas.

Certa vez, falávamos das “viagens” que experimentara com o uso de LSD e ele me relatou o pavor de que fora acometido quando, numa delas, sentiu-se perdido em meio a uma profusão de conteúdos delirantes, dos quais temia nunca mais sair: *“Eu tava num estado em que achava que ia ficar ali para sempre. Tinha vozes na minha cabeça, pessoas gritando, era horrível”*. A isso, entretanto, seguiu-se o relato de um importante *insight*: *“Teve uma vez, depois de tomar um ‘doce’, que eu fiquei repetindo por minutos pra mim mesmo: ‘tenho medo de ir e não voltar, tenho medo de ir e não voltar...’ Porque todo mundo fala que, quando você usa ácido, você pode ir e nunca mais voltar da viagem... Mas, daí, eu me dei conta de que isso tinha muito a ver com a minha mãe. Quando eu era criança e ela viajava, eu fica fechado no meu quarto [neste momento, começou a chorar], e chegava a arrancar tufo de cabelo da cabeça, de tanto desespero, porque tinha medo de que ela nunca mais voltasse... Tinha medo de que ela pudesse ir e não voltar...”*

Em todos os sentidos, o pavor dizia respeito à viagem para a qual se poderia ir e nunca mais voltar. Cerca de uma semana antes dessa importante percepção, Bernardo havia me ligado, após mais uma passagem de sua mãe pelo Brasil, em estado bastante

depressivo, referindo não conseguir dormir. Conversamos, então, sobre seu medo de dormir e despertar numa realidade em que a presença da mãe nunca fora real, mas apenas, coisa de sua cabeça, algo próximo da felicidade como um “estado imaginário”, de que fala Roberto Frejat³ na canção “Pense e dance”. Na ocasião, a mãe não respondia suas chamadas por Skype e não lhe dava notícias sobre sua chegada. O barulho da televisão, a presença do pai, do irmão e da madrasta ao lado, na sala de estar, não só não o confortavam, como davam a ele a dimensão de sua solidão, o sentimento de nunca poder participar do mesmo universo que os outros, e de que seu próprio universo – a bagunça de seu quarto, o eco dos chamados sem resposta que dirigia à mãe – também jamais poderia ser penetrado por alguém.

A partir desse cenário, pude reconhecer a importância da comunicação que Bernardo me havia feito. Ficava claro que, a cada vez que sua mãe passava pelo Brasil, o menino regredia ao horror, vivido na infância, de seu eterno abandono por parte dela, e temia despencar no abismo que se abria pela insuficiência de seus recursos para lidar com o fato. Sempre que isto se dava, Bernardo voltava a ser o garotinho fechado em seu quarto, arrancando literalmente os cabelos, no limite de suas forças para crer na sobrevivência da mãe e em seu amor por ele.

Quando, no entanto, relatou para mim o *insight* que obteve pela associação entre esse momento e a experiência recente com as drogas, a comunicação já não partia de um garotinho, mas de

3 No segundo capítulo, discutiremos a ideia de Green de que uma das ansiedades de base do chamado “complexo da mãe morta” seria o horror psicótico de ter sido falso bebê alimentado por um falso seio (GREEN, 1980). Para o autor, isso ajudaria a esclarecer o medo profundo experimentado pelo *borderline* a respeito do contato com seu próprio inconsciente, no qual poderia estar guardada esta verdade enlouquecedora.

um adolescente que, de algum modo, começava a *simbolizar* a experiência de seu terror. Quando Bernardo me fala de seu pavor, profundamente tocado, mas sem revivê-lo em sua plenitude, discorre sobre ele a partir de um outro lugar, o qual já não se identifica, de modo absoluto, com o da criança abandonada e totalmente desprovida. Naquele momento, em vez de reviver o abandono, Bernardo chorava com a consciência do quão dolorosa fora sua história, autorizando-se a sofrer por ela e abdicando, finalmente, da negação defensiva da tragédia experimentada.

Algum tempo após a mudança de nosso enquadre, Bernardo começou a se ausentar, também, de algumas de minhas visitas, embora com menor frequência do que ocorria no consultório. Essa possibilidade, de algum modo, já me era prevista. Sabia que, indo até lá, também estaria sujeito a levar alguns “canos”. Quando isso ocorria, eu permanecia aguardando por ele pelo tempo de uma sessão.

Certa vez, quando retornava de uma de suas ausências, pensei em como me sentia naquela situação, e na modalidade de transferência que ali se estabelecia. O menino punha-me numa posição em que eu nunca sabia se ele viria ou não. Com isso, testava minha capacidade de mobilizar a energia necessária ao encontro e de sustentar nossa relação apesar de toda a incerteza a respeito de sua presença. Não fosse essa leitura, eu estaria por um triz de me sentir feito de palhaço (como ele, certamente, lutava por não se sentir pela mãe), atravessando parte da cidade para, ao chegar a seu prédio, ouvir do porteiro que ele não estava lá.

Em meio a isso, ocorreu, certo dia, um fato interessante. Pela primeira vez, desde que iniciamos nosso trabalho, me atrasei cerca de quinze minutos para meu encontro com Bernardo, em razão de um contratempo pessoal. Não pude avisá-lo, já que ele não possuía celular, e os únicos meios de que dispunha para contatá-lo eram

os telefones de seu pai que, naquele momento, estava no trabalho. Sem mais alternativas, seguia para seu apartamento quando, já próximo, recebo uma ligação do garoto, bastante preocupado: “*Oi, Daniel. Você está vindo pra cá?*” “Sim, sim, já estou quase chegando. Peço desculpas, tive um pequeno problema e não tinha como te avisar” “*Ah, tudo bem... Fiquei preocupado porque você nunca atrasa...*”.

A mensagem me parecia bem clara, e corroborava meu entendimento da situação até ali. Ele tinha o direito de se atrasar, faltar, desaparecer sem avisos ou qualquer tipo de justificativa, ao passo que eu deveria sempre me manter presente e jamais cobrar dele a contrapartida de meu devotamento. Bernardo tinha necessidade de viver comigo, *pela primeira vez*, a absoluta *despreocupação* que deve caracterizar a atitude do bebê saudável em relação a seus agentes de cuidado. Eu deveria me adaptar religiosamente a suas necessidades e camuflar, o quanto possível, as minhas próprias, sob pena de despertar nele o medo de reviver a instabilidade de seu objeto primordial. Num momento extremamente precoce, sua mãe o havia invadido com a ansiedade de que *ele* a abandonasse, subvertendo completamente sua tarefa de cuidado ao filho recém-nascido e, agora, eu deveria sustentar rigorosamente nossa relação, a despeito do quão inseguro ele me mantinha acerca de seu compromisso comigo.

Num dos encontros, após esse episódio, conversávamos sobre sua participação em festas e eventos dos coletivos que frequentava, e sobre os relacionamentos que mantinha nesses espaços. Novamente, Bernardo me falava sobre a alternância entre sentimentos de empolgação e desânimo que experimentava em relação aos grupos dos quais participava. Nesse contexto, questionei: “o que você acha que te leva para esses lugares? Quando você os frequenta, o que está buscando?” – ao que respondeu: “*Sei lá... Por algum*

motivo, eu sempre gostei de ficar no meio de um monte de gente. Na verdade, acho que preciso disso. Acho que eu vou lá para me juntar...” “Sim, você vai lá para se juntar, e não apenas com outras pessoas, mas também a si mesmo. Você busca situações em que, ainda que por um momento, consiga sentir que os seus pedacinhos estão todos juntos: o pedacinho que está lá na Europa, o que está com saudade da escola, o que tem vontade de voltar para a sua avó... Infelizmente, você cresceu numa condição em que um pedaço não podia estar junto com o outro. Parece que você só consegue isso quando está com muitas pessoas ao seu redor, cada uma muito diferente da outra. Não dá mesmo pra viver tranquilo se a gente não se juntar...”



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Heranças Invisíveis do Abandono Afetivo

**Um estudo psicanalítico sobre
as dimensões da experiência traumática**

Daniel Schor

ISBN: 9788521211709

Páginas: 216

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2017
